

# O POVO ESPOZENDENSE

JORNAL LITTERARIO, AGRICOLA, NOTICIOSO, RECREATIVO E ANNUNCIADOR

HEBDOMADARIO INDEPENDENTE

PROPRIET. EDITOR E ADM.—J. DA SILVA VIEIRA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DO ARCO N.º 8

**Condições d'assignatura:**  
 Semestre... 1200 reis—com estampilha 13360 rs.  
 Anno... 600 reis— " " 680 "  
 Trimestre... 300 reis— " " 340 "  
 Estrangeiros Anno... 23500 "  
 Numero avulso 40 rs. Pagamento adiantado.

Correspondencia franca de porte a redacção.  
 Os originaes enviados a esta redacção não se restituem, sejam ou não publicados

**Annuncios**  
 Por linha... 40 reis || Repetição... 20 reis  
 Communicados: lin. 40 reis || Reclames... 40 reis  
 Os snrs. assignantes tem o abatimento de 25 %  
 Imposto do sello 10 reis.  
 Annuncios por anno preços baratissimos

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ESPOZENDE, 22

## Do interesse

### da instrucção

De ha muito que o Obscurantismo sofre profundos golpes, decisivos e fataes. Caminha a revolução da intelligencia a par da independencia da idea, sepultando assim todos os vestigios que a decadencia da instrucção tem semeado entre os povos. Hoje podemos affrontamente combater o vicio, a disposição em que se acham as nações mais respeitadas da Europa, em relação com as instituições das escolas, e bem principalmente do ensino.

Os povos da França, da Austria, da Hespanha e de Portugal têm soffrido bastante com a atrophía em que a intelligencia tem permanecido.

A educação de todo o ensino produz a anarchia, quando a lei da intelligencia não rege os impetus da idea.

Exagera-se, eleva-se a todo o momento a arte, sobe até aos mais edificantes principios, devido aos habéis artistas, e ás investigações da materia.

Porque se não hade firmar a theoria intellectual do povo? O progresso da instrucção é um pouco lento; não está a par da civilização, e arrasta totalmente a sociedade a uma inevitavel queda no obscurantismo.

E' uma questão social, e de muito alcance. O interesse da instrucção em todos os povos é o fim principal e exacto de todos os principios da moral.

A felicidade e o bem estar do povo reside no methodo d'ensino, na civilização, enfim.

Os povos civilizados são os que confortam mais com os seus exemplos.

A França e a Alemanha permaneceram por muitos annos n'um estacionamento tal, que era inevitavel a sua queda, se os cidadãos corajosos e de independen-

cia firmada na idea e na intelligencia não obrigassem o povo ao estudo e á illustração. Assim foram succedendo as camadas da civilização, e as intelligencias populares formaram a lieção mais social dos povos. Depois as condições em que a instrucção assentou as bases em que ella se firmára, enraizaram por maneira tal que hoje em todo o mundo são essas nações as mais respeitadas ante a sciencia e o desenvolvimento mechanic.

A egualdade exige terminantemente a illustração dos povos. E' ideal a que aspiram os homens civilizados, que mais do que uma vez têm confirmado a soberania intellectual no altar do sacrificio.

E' o grande principio de independencia e de civilização.

Na estreita esphera da vida deve o homem, pelos principios e causas da natureza, alargar toda a vastidão do pensamento a bem da humanidade!

Chama-se um fundamento de justiça, verdadeiro e logico.

O socialismo perante a centralisação do ensino vae em todo o mal possível e irremediavel. Portanto, o primeiro inimigo a combater é a unidade da ignorancia, nas diferentes phases da sua ruina. Ha milhares de difficuldades a vencer, primeiro que a REALIDADE acorde do seu berço; mas o seguirmos os exemplos das nações civilizadas é o unico meio, a unica SALVAÇÃO para o interesse e derramamento da instrucção entre os povos.

A instrucção nunca esteve, como hoje, em tão bons auspicios. Tem atravessado todos os perigos, e o desenvolvimento parece fecundar e prolongar a sua duração.

Dependem, é certo, da indole dos povos os resultados satisfactorios que a instrucção pôde dar. Mas todo o povo tem o seu dogma, o seu altar, o seu PRINCIPIO. E' estudar-lhe a educação,

contribuir para que ella seja forte e elemental, e depois verão resultar a grande prosperidade de ensino.

As provas attestam, que a unidade dos povos, quando se levanta para saudar ou applaudir, que a rasão tem a mira firme e segura no novo sol da sciencia.

Ainda aqui ha principio de associação; o laço em que se prendem todas as aspirações dos homens, d'onde resultam as mais fecundas acções; o elemento da vida, onde se discutem as mais renhidas questões sociaes,

Portanto, pelo principio do direito, pelo estado do paiz, pela florescencia da sociedade, o governo tem obrigação de espalhar pela nação, o CAPITAL mais vasto e mais fecundante da illustração perante a sociedade actual.

O derramamento da sciencia é a emancipação d'um povo.

Não faltam os factos philosophicos que o attestem.

Kant atravessa os

## FOLHETIM

A POESIA POPULAR

NOS

CAMPOS

(Conclusão)

Como os leitores já devem ter notado, e quasi regra geral nas trovas populares dividirem-se as quadras em dois hemistichios, fazendo cada um d'elles sentido por si, sem relação directa um com o outro, como que para preparar a surpresa do conceito que de ordinario se encerra nos dous versos finais, o que não impede a harmonia do conjunto, nem perturba a clareza da idea. Por exemplo:  
 O loureiro está quebrado,  
 Por tres partes offendido...

Falla, amor, com quem quizeres  
 E de mim tira o sentido.

Apesar da differença apparente dos dous primeiros versos d'esta quadra com o seguimento logico do raciocinio, não ha ainda uma certa conexão entre o «loureiro quebrado e offendido», e o apartamento e despedida, que se annunciam nos dous versos finais da trova?

De que é este o processo poético quasi invariavelmente seguido pela gente do campo, ali vae mais um exemplo:

Eu subi ao altar-mór,  
 Accendi velas no throno...

E' bem louco quem se mata  
 Por amor que já tem dono.

A phraseologia amaneirada do idyllo tem passado até hoje, e continuará ainda a passar, como o ideal da candura e da innocencia

pastoril.

Não obstante, cuido que não é menos innocente dizer:

Encostei-me ao pecegueiro  
 E toda me enchi de flores...

Vejo-me tão pequenina

E já me fallam de amores!

Ou então dirigindo-se a um adventicio que, com estudados requêbros a pretende captivar, e dos seus haveres lhe falla como de um Potosí a explorar, e cantar-lhe:

Eu hei-de ir á tua terra

Ouvir a missa do dia,

Que tanto me tem gabado

Á tua tafalarial

Haverá censor tão austero, que accitando em nome das ousadias do lyrismo todas as aberrações do bom senso, se atreva a condemnar (com justiça de mouro) as raras descaídas da musa campestre? Se o ha, pedimos-lhe que não leia a

seguinte quadra, em que os dous ultimos versos servem de errata e emenda á jocividade dos dous primeiros:

Os pratos da prateleira

Sempre estão telim... telim...

No reino do céu esteja

Quem te creou para mim.

Já n'este estudo dissemos que havia nos campos philosophos (se acharem a palavra ambiciosa, chamem-lhes *observadores*), que dos seus commentarios á vida pratica tiravam o assumpto de toda a poesia. Tolentinos de cajado e surrao, a sua analyse é sempre segura, e a manifestação da sua idea clara e concisa. Vejamos:

Herva cilreira nos campos

E' regalo de pastores;

Deitam os gados a ella,

Vão falar aos seus amores.

Será ou não será philosopho

(insistimos ainda na propriedade do termo) quem estuda o intangivel, e até das propriedades do fumo tira as suas conclusões moraes? Pois ponham de parte o talvez pouco scientifico rigor dos epithetos, e neguem-nos que a seguinte quadra não tenha um certo sabor reflexivo, que nem sempre se encontra nos poetas laureados... pelo folhetim:

E' tão delicado o fumo,

Que passa a telha dobrada;

Delicados são teus olhos,

Que captivam de pancada.

O que se tem dito e escripto dos pombos mensageiros e da sua mostria como corretores aereos de amorosas correspondencias, pareceria fabula aos incredulos, se a seguinte trova popular não confirmasse a veracidade de como as aves se prestam a ser mudas confidentes de saudades e desejos:

tempos da centralisa- ção, e ergue-se, na ME- TAPHYSICA DE COSTUMES, a espalhar o regimen da instrucção e do en- sino.

LITTERATURA

REALISMOS

DIVERTE-TE...

(a Antonio Miranda)

Elle casara porque entenda- ra que devia casar; aos sessenta annos solteiro, que tristeza!... sem uma mulherzinha que de manhã lhe viesse trazer o almoço á cama, e seu café com leite e as torradas com manteiga ingleza em panhões—e nas noites frias lhe aquecesse os pés greiados pela idade, elle já deitado e ella sentada sobre elles lendo o seu romance favorito, enquanto n'essa somolencia de yanadora, n'aquelle aconche- go moio, ia ruminando as suas classicas aferventadas, por entre uns arrotos em solfa, prolonga- dos.

Elle casara seduzida pela boa vida, pela almejada man- dria, podendo mandar ser obe- decida, em lugar d'esses dias tão longos serem passados na modista, d'hora em hora uma rabecada, andando sempre para a direita e para a esquerda á sua ordem... Tinha vinte annos e n'essa idade era rematada to- lice estar acabrunhada pelo trabalho que lhe emmurchecia as rosadas faces, soffrer aquellas continuas madrugadas que lhe cercavam os olhos com a tinta dos lirus roxo, podendo pas- sar os dias, se bem lhe parece- se, na cama e vendó os outros trabalhar para ella... E o seu antigo namoro, o alfaiate aprendiz ali debaixo, poder-lhe-ia trazer, ao ligar o seu nome ao d'ella, um futuro tão ridente? E' bem de vêr que não; seria uma es- crava do trabalho, passaria até muitas vezes fome, cercada de filhos sejos, ranhosos, chorami- gando, pedindo pão.

Elles, é verdade, que tinham um certo «facataz» um pelo ou- tro, porem... dar assim um pontapé á felicidade, isso nun- ca... Casou portanto.

Mas o seu ELLE d'outr'ora, não foi despresado; muitas ve- zes ia lá a casa almoçar á cus- ta do pobre velho quando elle

O' meu amor, se tu fôres, Escreve-me no caminho; Se não houver portador, Nas azas de um passarinho. O despeito, em assumptos a- morosos, foi sempre uma das cor- das sensíveis do coração da mu- lher. Se ainda ha calor por baixo das cinzas do affecto que a- cabou, não é raro vêr salgar com a ironia, ou pulverisar com o sar- casmo, a inconstancia d'aquelle que se deixou esquecer dos jura- mentos dados. Ouçamos duas quei- xosas revelando na poesia as tris- tezas do abandono: Trocaste-me a mim por outra, Eu bem sei que me trocaste; Não se me dava saber Na troca quanto ganhaste. Outra: Já lá vae, já se acabou O tempo que te eu amava;

no frio inverno ia tomar uma restaa de sol pelas ruas apoiado na sua bengala de canna da In- dia, n'uns passos mudos, comp- passados, ou no bello tempo de verão ia sentar-se nos bancos da praça publica, á sombra fresca das arvores potrentas.

Um dia voltou d'esses passe- ios habituaes mais cedo, per- seguido por um noite desabrido e veio dar com os dois «pombi- nhos» nas scenas já tambem ha- bituaes, depois do almoço do al- faiate... d'abraços e beijos muito arrochados, muito cantu- diuhos.

E ella, muito naturalmente, depois di apresentação ao seu bom maridinho d'um seu primo que chegara de fóra:

—Estava tão aborrecida sem saber o que dizer bem o que fazer, que, veja lá, até me lembrei de jogar as LINHINHAS com o primo; depois de ficar tantas vezes vivo, sempre ficou CASADO agora; e a regra do jogo era elle beijar-me, por isso...

E o velhote com a sua voz roufenha, vagarosa:

—Diverte-to filha, és nova ainda... diverte-to...

GIZ VERMELHO.

LYRISMOS

Adónis e a borboleta

(a meu excellente irmão R. Pinheiro)

Borboleta que passava E a uma rosa foi ter; Vendo Adónis que tratava De linda flor colher,

Disse-lhe:—joven, que fazes No jardim entre as flores? —Que faço? coelho lilazes Para dar aos meus amores.

—Mas quem és? como te chamas? E's cravo branco d'abril? —Não...heroe que colhe fumas... Adónis...moço gentil.

E tu quem és, e como aqui? —Sou borboleta voluvel, Mandou-me o Destino e cedi...

—Mas tu roubas mel ás rosas E a fragancia á flor?... ..

—E tu darás ás formosas O que roubaste, incolor?... ..

Aqui, Adónis quedou-se Pensativo a meditar; Depois... depois retirou-se.

Tinha olhos e não via Na cegueira em que andava. A consolação unica para estes e outros que taes contratem- pos amorosos, é recordarem-se as victimas da duvida expressa pela cantiga que diz: A saudade é toda roxa, Tem no meio o olho verde; Quem tem o amor não o perde, Quem o perde accaso o teve?... Esperdigar lagrimas com ingratos, para que? A inocidade é bre- ve, e faces que empallidecem e perdem o viço inspiram quando muito a compaixão, e motivam os conselhos d'aqueiles que as viram já frescas e rosadas: Rosa branca, toma côr, Não sejas tão desbotada, Que dizem as outras rosas: Rosa branca não vale nada. Quem não folga e ri na qua-

E a borboleta,—coitada! Cheia de medo, a voar, Lá foi levada... levada...

Espozendo.

A. PINHEIRO.

O TEU PERFIL

No teu terno olhar sempre diviso Laugor d'uma bondade sem igual; Nas labios carminados o sorriso, Nas faces a candura virginal.

No teu seio um ceo, um paraizo, Na cintura abreviada um ideal; Um regaço que alguma d'improviso, No teu todo uma figura divinal.

Um senão porém, se descortina, E ao notal-o minha alma desfallece. Quando julgo formosa Carolina,

Que o teu vulto bello resplandece, Uma nuvem escura e repentina, Desdentosa, em teu rosto me appa- rece.

M. DO PILLAR.

O QUE ADORO...

Não adoro os montes nem os prados, Nem as estrelas no azul dos ceus. Adoro tuas faces tão mimosas E adoro a luz dos olhos teus.

10—4—93. SILVA VIEIRA.

A UMA ROZA...

Tu fostes a flor mais linda Que se creou no jardim; Tu éras a mais viçosa, Tinha aromas sem fim.

Mas hoje estás desfolhada, Pesdeste o aroma e a côr. E disseste adeus ao mundo Fugindo assim ao meu amôr...

15 | 4 | 93. SILVA VIEIRA.

NOTICIARIO

A (collec) de domingo.

Animada e agradabilissima a sympathica e atrahente festa realisada no domingo pretérito na casa da «Assembléa Espozen- dense», como demonstração de sympathia e veneração ao nobre director d'aquella casa de re- creio, o ex.<sup>mo</sup> Barão d'Espozen- de, e ao nosso dedicado e valio- so conterraneo, o ex.<sup>mo</sup> sr. Va- lentim Ribeiro da Fonseca, que, por mero descuido, deixamos de meucionar no numero de do- mingo.

As duas salas «au-rer-chaus- sê», transformadas n'um amplo

dra amena da primavera, antecipa, sem o pensar, as melancholias do inverno. Porque não hão-de as ra- parigas que se sentem propensas para o desalento, tomar exemplo da isenção galhofeira da outra que cantava:

Chamaste-me amor perfeito, Eu não sou tão delicada; Assim mesmo, bem pensando, Em ti sou mal empregada.

Nos campos pode-se ignorar que existe a Inglaterra, patria da Industria; a Italia, mãe das Artes; a Alemanha, berço dos Pensado- res. Mas o que nas nossas aldeias ninguem deixa de saber é que ha uma terra que se chama o Brazil, aonde se fala a nossa lingua, e onde se enriquece pelo trabalho, quando se não morre na enxerga de um hospital, longe dos seus, e sem o coneheço do lar domestico.

salão, achavam-se linda e visto- samente adornadas com variega- das flores e trepadeiras que lhes davam um realce e embel- lezamento pittoresco.

E assim, pelas 9 horas da noite começavam de ouvir se ecoar pelas salas as primeiras notas tiradas do solido teclado de um bom Gaveau, e vibradas por mão de amador, se não dis- tincto, pelo menos correctissi- mo. Referimo-nos ao sr. Mari- nho, um joven moço, que se prestou a executar diferentes trechos musicaes, e onde reve- los uma devotada paixão (se assim nos podemos expressar) pela arte de Mozart.

A's 9 e meia dava então o marcador o signal para a pri- meira quadrilha; dançando-se com animação até ás 2 e meia horas da madrugada.

Entre outras, lembra-nos ter visto as seguintes damas: Ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> Baroneza d'Espozende, D. Joanna Paixoto da Silva e Bour- bon, D. Idalina d'Aranjo, D. Ma- ria Rita de Queiroz Villas Bias, D. Amelia P. Ribeiro da Fou- seca, D. Marianna Cezar de Fa- ria Vivas, D. Eligenia A. de Villas «Bôas Pinheiro, D. Maria Rita T. de Q. Vellozo, D. Eligenia de F. Feio, D. Catharina Maxi- ma de F. Feio, D. Leonor de Fi- gueiredo, D. Maria do Carmo de Sá G. Botelho, D. Estelina de Barros, D. Amelia de Macedo, D. Adelaide Veiga, D. Ame- lia de Figueiredo Feio, D. Maria das D. d'Almeida Azevedo, D. Maria da Costa Vieira, D. Joana de Mattos, D. Anna M. da Na- tividade Terra e as meninas D. Arminda Paschoal, D. Marianna P. de Faria Vasconcellos, D. Valentina Dias de Barros Lima, e D. Natalia Baptista da Costa Terra:

E entre outros cavalheiros, os seguintes: srs. Barão d'Espoz- ende, Valentim R. da Fonseca, José Maria Vellozo de M. F. e Mattos, Estevão Gonçalves d'A- ranjo, Antonio Veiga da Silva, Alberto de Macedo, dr. José Villas Bôas, dr. Quirino da Cu- nha, dr. M. Villas Bôas, dr. João Simões, dr. Azevedo Vas- queiro, Pedro de Barros, Cor- nelio Fogaça, M. A. de Barros Lima, Manoel J. G. Villas Bôas, Ernesto Emilio, Lourenço C. Leitão, J. A. Pereira Villela, M. de Mattos F. Barboza, José M. Cezar de F. Vivas, Antonio d'A. Paschoal, Antonio D. Lopes, Luiz Paizreira, Cleto José Fernandes,

Feliz, ou infelizmente, o nosso po- vo vê só o Brazil pelo lado da prosperidade material. A prova está na seguinte quadra de despedi- da a um rapaz que parte para a America:

Deus te leve a Pernambuco E de lá venhas tão rico, Que el rer da Divinamarca Não possa igualar contigo.

Deixemos a Divinamarca a- onde está, e dêmos as nossas ulti- mas explicações aos leitores.

Damos aqui por terminada a primeira serie d'esses estudos so- bre a poesia popular nos campos, disposto a voltar ao assumpto quan- do o nosso bondoso e illustrado a- migo o sr. Thomaz Ribeiro nos fornecer, como espontaneamente nos prometteu, uma collecção de cantigas dos cegos pedintes da Bei- ra, provincia da naturalidade do

Antonio dos S. Villas Bias, Mi- guel Vieira, J. C. Silva Ramalho, Gonçalo Teixeira, J. da Costa Terra, J. Antonio dos Reis, Il- dio F. Campos, M. G. Pereira de Barros, Antonio J. Fernandes, Adelino Azevedo, João de M. Magalhães, Arnaldo Azevedo, J. C. d'Almeida Gomes, M. G. Ferreira da Silva, Jayme Vian- na, Delfino de M. Junior, Silva Vieira e Alvare de V. B. Pi- nheiro.

A' commissão, o nosso pa- rabem, pela boa disposição da festa.

Exames d'admissão

Dos alumnos dados a exa- me d'admissão no lyceu de Vian- na, pelo nosso amigo e distincto professor régio d'esta villa, sr. Antonio d'Abreu, obteram ap- provação os meninos Silverio Pereira Villela e Candido de Campos, o primeiro muy distin- ctamente, motivo porque felicita- mos seus paes e professor e en- viamos o nosso parabem aos jovens estudantes.

O roubo d'Administração

Por falta d'espaco deixamos para o proximo n.<sup>o</sup> a descripção d'esta façanha.

Rogatorio para o ceo

Ventila-se uma questão em uma comarca proxima de Villa Real sobre uma doação.

O patrono a quem, na de- vida altura, o processo foi con- tinuado com vista, entre outras muitas coisas disse e escreveu que a doação só podia ser an- nullada «se fosse ouvido o doa- dor fallecido!»

O adrogado contrario, espir- ito alegre e disfructador, pediu «a passagem de carta rogatoria dirigida a todos as justicias em geral das regiões ignotas da e- ternidade, e em especial para o reino do ceo, para se mandar cumprir pelo Padre Eterno para o Inferno para cumprida ser por Lucifer, e finalmente ao Purga- torio, para se cumprir por quem de direito pertença, visto ser desconhecida da terra a respec- tiva auctoridade, afim de ser intimado o fallecido doador para concordar ou não em que a doa- ção seja annullada, sendo pri- meiramente intimado o auctor para declarar por termo onde seu filho se acha, e qual a dila- ção que se deverá marcar para o cumprimento da rogatoria, por se ignorar o tempo que será ne- cessario, e tambem por se igno- rar a qualidade da viação e a respectiva distancia.»

distincto auctor do D. Jaime.

Igual promessa nos foi feita pe- lo nosso amigo o sr. José Maria da Ponte e Horta, benemerito ten- te da Eschola Politechnica, e ama- dor consciencioso de assumptos li- terarios, especialmente dos que re- velam amor ás cousas da terra na- tal. O sr. Jose Horta é filho do Algarve, uma das nossas provincias mais por explorar em relação ás artes e á poesia.

Concluirei este trabalho com a seguinte quadra popular, com que appropriadamente me despeço dos meus leitores:

Vou-lhes dar a despe lida Como deu o maio á flor; Quem se despede cantando Não leva pena nem dôr

L. A. P.

**Ordenação**

Foram conferidas ordens de subdiácono, pelo rev.<sup>m</sup> Arcebispo Primaz, ao ordenando sr. Manoel Gonçalves do Paço, residente na freguezia d'Apulia, d'este concelho.

**De passagem**

Vimos aqui ha dias, em passeio a Santa Marinha de Forjães e d'ali a Valença, o sr. dr. Adolpho da Figueiredo Perry e ex.<sup>m</sup> esposa, distincto medico na Povoia de Varzim.

**Festividade a S. José**

Realisa-se hoje na igreja Matriz d'esta villa, a festividade a S. José, com missa cantada, exposição do S. Sacramento e sermão pelo rev. Manoel Gonçalves do Paço.

Pelas 11 e meia horas sahirá preciosamente a imagem do santo n'um rico andor, seguindo o itinerario dos annos anteriores.

Hontem percorreu diversas ruas da villa uma banda de musica e foram queimadas algumas duzias de foguetes.

**Doente**

Ha dias que se acha gravemente doente, com uma congestão pulmonar, a ex.<sup>m</sup> sr.<sup>a</sup> D. Anna Augusta dos Santos Vianna, excellente irmã do sr. Francisco Rodrigues Vianna.

Fazemos votos ardentissimos pelas melhoras da virtuosissima senhora.

**Outra**

Tambem se achou perigosamente enferma, com uma pneumonia dupla, a ex.<sup>m</sup> sr.<sup>a</sup> D. Natalia da Rocha Loureiro, extremosa filha do sr. Francisco da Silva Loureiro.

Hoje, felizmente, considera-se livre do perigo, o que muito estimamos.

**Regresso**

Acompanhado de sua ex.<sup>m</sup> esposa, já regressou a esta villa o nosso amigo sr. José de J. G. Ferreira Lima, que ha dias tinha partido para Laundos, (Povoia de Varzim) de visita a seu cunhado o rev. Manoel Martins Giesteira, abade d'aquella freguezia.

**Dádivas importantes**

Devido aos entranhados dotres de civismo e generosidade do sr. Manoel Pinto d'Amorim Campos, de Fão, vão ser doados aquella vizinha e importante povoação dois bons edificios destinados ás escolas dos dois sexos.

Não ha muito tempo tambem, que, o sr. Antonio Veiga da Silva, cavalheiro que tem praticado actos de muita philantropia e de verdadeiro amor pelos seus, hoje residente n'aquella povoação, seu torrão natal, e então na cidade do Rio de Janeiro, remetteu d'ali 400 libras aos seus conterraneos, que pediu se applicassem em um bom eucanamento d'aguas, melhoramento muito necessario n'aquella freguezia, e na construcção de uma estrada do macktam n'um caminho que

conduz ao mar.

Iniciativas d'estas, não nos convidam a tecer-lhes encomios, aliás muito merecidos, mas que cremos iriam ferir a modestia de tão generosos como patrioticos cavalheiros.

Registem-se simplesmente estes actos de alevantada philantropia para que o publico os avalie e tome na devida conta, e oxalá que os fãozenses a quem reconhecemos gratidão, saibam mostrár-se gratos para com conterraneos que tão expontaneamente sabem preñar o torrão que os viu nascer.

Honra pois, aos dois patrioticos fãozenses.

**Retirada**

Partiu no sabbado da semana penultima para a Figueira da Foz, seguindo d'ali para os Açores e Terra Nova a bordo de um navio mercante, o sr. Antonio Maria de Faria Vallerio, nosso conterraneo.

Desejando-lhe uma feliz viagem e que brevemente regresso ao seio de sua extremosa familia, endereçamos-lhe d'aqui os nossos cumprimentos de despedida.

**Navio arribado**

Arribou a Vianna do Castello o hiate «Flor do Cavado» da praça do Porto, que tinha salido a barra d'aquella cidade com destino aqui.

**Cruzes em Fão**

Realisa-se no proximo dia 3 de Maio, na freguezia de Fão a popular romaria das Cruzes.

O templo do Bom Jesus apparecerá ricamente ornamentado n'essa occasião, subindo ao pulpito o abalísado orador sagrado rev. Celestino Ramalho, abade de Custóias, que os espozenden-ses já tiveram occasião de admirar pela clareza da palavra e firmeza d'idea.

O artigo que inserimos em primeiro lugar, pertence ao nosso collega do «Jornal d'Extremoz.»

**MOVIMENTO MARITIMO**

**Entradas:**

16—cabique «Ventura de Deus», mestre Pimentel, com pedra de cal, da Figueira da Foz.

**Saídas:**

16—cabique «Novo Activo», mestre M. Francisco, em lastro, para a Figueira da Foz.  
17—hiate «Boa Hora», mestre Valle, com madeira, para Villa Real.

Tem licença para sahir o cabique «Ventura de Deus».

**SECÇÃO FOLK-LORICA**

**CANÇÕES POPULARES**

Recolhidas na Povoia de Varzim por

**Celestino Brandão**

(offerecidas á Ex.<sup>m</sup> Sur.<sup>a</sup> D. Adelaide Pimentel)

28

Azurara val' dez reis  
Villa do Gonde um vintem;  
Valle a Povoia mil cruzados  
Peias meimias que tem.

29

Era linda como o sol,  
Agora estou estragada;  
Por causa do meu amor,  
Que me dá muita paucada.

30

Não posso sahir á rua  
Sem levar pão n'algieira;  
Para dar ás creancinhas,  
Filhas da missa primeira.

31

Se Coimbra fosse minha,  
Como é dos estudantes;  
Mandava-lhe por no meio  
Um ramo de diamantes.

32

Foste pedir a meu pae  
Como quem pedia pão;  
Maneebo mal entendido,  
Isso está na minha mão.

33

Atirei um lenço ao mar  
Com as pontas para o fundo;  
Namorei te as escondidas  
Já o sabe todo o mundo.

34

Manjaricão da janella  
Meu peito já foi teu vaso,  
Tomaste novos amores,  
Já de mim não fazes caso.

35

Os amor's ao pé da porta  
Tomal-os a todo o risco;  
Inda que a bocca não falle  
Os olhos sempre petisco.

36

Vae-te embora passarinho,  
Deixa a vaga do loureiro;  
Deixa dormir o menino,  
Que está no somno primeiro.

37

Anda agora uma modinha  
De pedir a filha ao pae;  
Entrar pela porta dentro,  
Senhor sogro já cá vae.

38

Chapeu de meia moeda  
Ninguém o tem como eu;  
Hei-de cantar, heide rir,  
Dar figas a quem m'o deu.

39

O' alta silva cheirosa  
Amargosa na raiz;  
Não te, gabes que me deixas,  
Que fui eu que te não quiz.

40

O limão, ó limão verde,  
Quem te comer morrerá;  
Quem fellar p'ra o meu amor  
Pouca vergonha terá.

41

Já nasceu Luiz Filippe  
Neto d'El-rei Dom Luiz;  
Foi mais uma sanguenuga,  
Cá para o nosso paiz.

42

A bandeira portugueza  
Bordada por nossa mão;  
Vae ser dada ao Pimentel,  
Que já ganhou a eleição.

43

Liberdade, liberdade,  
Quem a tem chama-lhe sua;  
A Povoia vae ser cidade  
E o Faquinha vae p'ra rua.

44

Se eu tivesse penna douro  
Comprava papel de prata;  
Com sangue das minhas veias  
Escrevia-te uma carta.

45

Eu tenho dentro do peito  
Uma laranja partida;  
Para dar ao meu amor,  
Que anda de beiga cahida.

46

Salsa verde bate á porta  
Alecrim vae ver quem é;  
E' o cravo mais a rosa,  
Com uma assucena ao pé.

47

A senhora d'Assumpção  
Tem uma fita na e roa  
Que lhe trouxe o Pimentel,  
Lá dos paços de Lisboa.

48

Eu tenho á minha janella  
Laranja, lima, limão,  
Eu tenho de toda a fru ta;  
Faita-me o teu coração.

49

Eu tenho á minha janella  
Um craveiro por um pique;  
Esses teus olhos, menina,  
E' bom que em casa me fique.

50

Eu tenho á minha janella  
Um vaso com violetas;  
No dia em que te não vejo,  
Visto-me de gallas pretas.

51

Você diz que me quer muito  
Que me traz n'esse seu peito  
Você mente, não me engana,  
Quem ama tem outro geito.

52

Da minha janella á tua  
E' o salto d'uma cobra;  
Tu já podes ir chamando,  
A' minha mãe tua sogra.

53

Cravos brancos á janella  
Menina não os tenhaes,  
Da-lhes o vento, elles bolem,  
Penso que vós me acenaes.

54

Dizeis que não pôde ser  
O loureiro dar timões,  
Eu tenho no meu quintal,  
Alface a dar feijões.

55

Erga o chapéu para cima  
Não o traga sempre á banda,  
Inda que seu pae é rico,  
A roda tambem desanda.

(Continúa)

**ANNUNCIOS**

**CASA BARATEIRA**

Novo estabelecimento

de

MERCEARIA, FAZENDAS BRANCAS E

MUDEZAS

de

Francisco Mendes d'Oliveira

15, Rua do Outeiro, 16

ESPOZENDE

Um variado sortimento de chitas, setinetas, morios, panos crús, riscados, cotins, merinos, sargelins, casturinas, algodões, lãs e mais mudezaz.

Bons generos de mercearia, gónebras, vinhos engarrafados, café preto, chás de superior qualidade, longas e muitos outros generos que não podemos aqui mencionar.

**Ao Mendes! Ao Mendes!**

Divisa da casa:

Vender barato, para vender muito

**EDITAL**

A Camara municipal do concelho d'Espozende, etc.

FAZ publico que tendo de mandar proceder a melhoramentos e reparos nos lampeões da illuminação publica d'esta villa; bem como aos reparos e concertos de caliação e pintura nas salas da secretaria e sessões dos Paços do Concelho, convida a todas as pessoas em circumstancias de poderem fazer as mencionadas obras, a apresentarem até ao dia 30 do corrente mez propostas em carta fechada, devendo as referidas obras serem adjudicadas

a quem mais barato as fizer.

As condições acham-se patentes na secretaria da mesma Camara.

E para constar se affixou o presente e outros d'egual theor nos logares mais publicos do costume.

Espozende 20 de Abril de 1893.

O Presidente,  
Manoel Rodrigues Vianna.

**FRANCISCO DA SILVA LOUREIRO** (b)  
**CON LOJA DE FAZENDAS E MERCEARIA**  
Acaba de receber um completo sortimento de fazendas proprias para verão cujo sortido em gostos variados espera satisfazer qualquer freguez, seja cavalheiro, senhora ou creança. Escusado será fazer menção dos artigos que tem expostos á venda; basta só dizer que n'este estabelecimento acha-se tudo que se deseje por preços commodos.  
Tambem se encarrrega de fatos sobre medida com partição.  
**É NO FIM DA RUA DO CAES**

**EDITAL**

A Camara municipal do Concelho d'Espozende, etc.

FAZ saber que na secretaria da Camara, se achão patentes, por espaço de 8 dias, a contar do dia 21 do corrente, as contas de receita e despeza, d'este concelho, da gerencia do anno findo de 1892.

Pelo que convida todos os cidadãos interessados a virem ali ver e examinar as ditas contas, e a apresentarem dentro do referido praso quaesquer reclamações que tiverem por conveniente fazer, afim de terem o destino competente.

E para constar se affixou o presente.

Espozende 18 de Abril de 1893.

O Presidente,  
Manoel Rodrigues Vianna.

HISTORIA DO PARTIDO REPUBLICANO EM PORTUGAL

Cada fasciculo de 32 pag. de texto e uma excelente illustração de dupla pagina 120 REIS

A HISTORIA DO PARTIDO REPUBLICANO EM PORTUGAL não é um trabalho de facção; o auctor procura, pelo contrario, exercer com inteira justiça a sua analyza critica sobre os acontecimentos que era chamado a julgar, sem essas preconcebidas intencões, que tornam muitas d'esta natureza defectuosas e omissas.

Antes de a «Historia» uma rapida introdução sobre o estado social e politico da Europa, desde a Idade Media até ao seculo XVI, de modo a habilitar o leitor pela comparação com o direito publico portuguez e pela filiação dos successos historicos que accidentarem o viver da nossa nacionalidade, a julgar com mais exacto rigor das correntes adversas, hoje caracterizadas pelo «conservantismo» e pela «republica».

Quanto à «parte material» a Empresa Editora esforçou-se por bem servir o subscriptor.

As gravuras, feitas pelos processos mais modernos, são primorosas e muitas d'ellas copias de quadros celebres ou de valiosos trabalhos executados por artistas de grande fama na propria época a que se referem: taes são alguns quadros e allegorias de Raphael, de L. de Vinci, obras de Michelangelo e Caracci, reproduções da cathedra de Florença, da mesquita de Cordova, da synagoga de Toledo, etc., etc.

O 1.º fasciculo, já em distribuição, acompanha-se d'uma phototypia, feita na casa Biet, reproducção d'um desenho de Raffet—o celebre artista, cuja memoria a França vai em breve perpetuar no bronze de um monumento. Com o immediato distribuir-se-ha uma excellente vinheta allegorica, com os retratos de Latino Coelho, Elias Garcia e Souza Brandão, «propria para quadro» e no duplo do formato da estampa de Raffet.

Assigna-se em todas as livrarias do paiz. Correspondencia dirigida à Empresa Editora, Rua formosa 383.—Porto.

Em Lisboa, no agente os snrs. J. M. do Couto Brandão, redacção do «Correio de Lisboa» rua Nova do Amparo 17, 1.º.

Em Braga, Livraria Escolar, dos snrs. Cruz & C.º, successores de Forte & C.º, largo do Barão de S. Martinho, 71.

Empresa Litteraria Fluminense De A. A. da Silva Lobo Casa editora fundada no Rio de Janeiro em 1877 Sôde no Rio de Janeiro 81—Rua Sete de Setembro—81 Succursal em Lisboa 125—Rua dos Retrozeiros—125

A CASANA DO PAE THOMAZ por 41.º Beecher Stowe Edicão illustrada Preço de cada fasciculo 100 reis

Condições da assignatura 1.º—A Casana do Pae Thomaz publicará-se-ha aos fasciculos semanais, que serão levados a casa dos senhores assignantes nas localidades em que houver distribuição organizada.

2.º—Cada fasciculo de quatro folhas de oito paginas e uma gravura custa o diminuto preço de 100 reis pagos no acto da entrega.

3.º—As pessoas que desejarem assignar nas localidades onde não houver correspondentes deverão enviar adiantadamente a importancia de 5 fasciculos, ou multiplos de 5, e o pedido lhas será immediatamente satisfeito, e franco de porte.

A correspondencia deve ser dirigida ao proprietario da EMPRESA LITTERARIA FLUMINENSE—A. A. DA SILVA LOBO.

EDITORES—BRIEN & C.º Rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa

A VIUVA MILLIONARIA

Ultima produção de Emile Richebourg auctor dos romances: «A mulher Fatal, A Martyr, O Marido, A Avó, A Filha Maldita e a Esposa, que toem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes. Edicão illustrada com bellos cithmos e gravuras.

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Paris, centro principal de toda o movimento litterario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais a mais tem engrandecido e exaltado e reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca Emile Richebourg provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimilhs, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e esta evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados da actualidade.

A empresa, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes, espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez torna a solicitar.

Brinde a todos os assignantes Uma estampa em chromo de grande formato, representando a Vista da Praça de D. Pedro, em Lisboa tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres, copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores, em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas. Condições d assignatura:—Chromo, 10 rs; gravura, 10 rs; folha de 8 paginas, 10 reis. Sahirá em cadern-tas semanais de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 rs. pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empresa considera correspondentes as pessoas das provincias e illhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Accepta-se correspondente n'esta localidade.

AÇAFATE DE COSTURA

Publicação quinzenal de trabalhos, tapeçaria, crochet, bordados, lettras ornamentadas, etc., etc.

Entrou no 9.º anno da sua publicação.

Recebem-se assignaturas no escriptorio da empresa, na rua de D. Fernando (proximo á Bolsa) na Real Typographia e Lithographia Lusitana—Porto.

Recebem-se assignaturas para a provincia só por seis mezes ou por anno, pagas adiantadamente, por meio de vales do correio ou em es tampilhas.

Preços, por 6 mezes, 240 reis; por anno, 13080 reis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Apollonia da Costa Reis, rua de D. Fernando—Porto. N. B. A empresa garante toda era gularidade n'esta publicação.



REMEDIO DE AYER DO DR. AYER

Vigor do cabello de AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer. O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sabem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa adicionando-lhe apenas agua e açúcar; é um excellente substituto do limão e baratissimo porque um frasco dura muito tempo.

Tambem é muito util no tractamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dor de cabeça. Preço por frasco 100 reis e por duzia tem abatimento.—Os representantes James Cassels & C.º, Rua Monsinho da Silveira, 85, 1.º—Porto, dão as formulas aos snrs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito desinfectante e purificante de JEYES—para desinfectar casas e latrinas; tambem é excelente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias, PREÇO 240 REIS.

PHARMACIA CENTRAL ESPOZENDENSE DE JOSÉ CANDIDO DA SILVA RAMALHO

RUA DIREITA—ESPOZENDE (2) Serviço permanente

Esta pharmacia, fornecida convenientemente de todos os preparados chimicos, indispensaveis ao uso da sciencia medica, tem um variado sortimento de medicamentos estrangeiros, cuja barateza e indiscutivel utilidade não desmentem a solida reputação d'este já muito acreditado estabelecimento. Entre todos esses preparados, que as primeiras sumidades medicas empregam com a melhor certeza d'um resultado lisonjeiro, esta pharmacia, devido ao estudo do seu preparatorio, possui preparados tão necessarios como salutarmente garantidos nos seus effeitos. São elles:

Pomada anti-herpetic Cura todas as molestias de pelle. Preço da caixa 120 reis.

Injecção adstringente calmante Cura todas as bleunorrhagias as mais rebeldes. Preço do frasco 300 reis.

Especifico contra callos Efficaz para a destruição completa dos callos. Preço do frasco 300 reis.

Xarope vermifugo O melhor medicamento conhecido contra as lombrigas Deposito geral—PHARMACIA CENTRAL—ESPOZENDE

COLLECCÃO ANTONIO MARIA PEREIRA VULGARISAÇÃO DAS MELHORES OBRAS

Volumes de 160 paginas a 200 in.8.º, nitidamente impresso, em brochura 200 reis, ricamente encadernado em capas de percalina 300 reis.

Publica-seum volume por mez Requisições á livraria

ANTONIO MARIA PEREIRA RUA AUGUSTA, 52 a 54—LISBOA



FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DE FRANCO

UNICA LEGALMENTE AUCTORISADA E PRIVILEGIADA EM PORTUGAL

Preparada por PEDRO AUGUSTO FRANCO, Comendador da Ordem de Christo, Pharmaceutico fornecedor da Real Casa de Sua Magestade Fidelissima El-Rei o Senhor D. Luiz I, Membro Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e de outras sociedades scientificas e industriaes, premido, etc.

Esta farinha, que é um excelente e agradável alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, de idade avançada, convalescentes, amas de leite e para crianças, é ao mesmo tempo um valioso medicamento que pela sua acção tonica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e em geral nas que carecem de forças no organismo. A sua efficacia, evidenciada pelo uso quasi geral que d'ella se faz n'aquelle paiz ha muitos annos, levou o autor a tornal-a conhecida no estrangeiro.

Ha tambem a mesma farinha peitoral preparada SEM FERRO, para os casos em que elle não seja aconselhado.

LEO TAXIL OS MYSTERIOS DA FRANC MAÇONARIA

Versão portugueza do padre Francisco Corrêa Portocarrero

com uma dedicatória do auctor a sua MAGESTADE A RAINHA D. AMELIA

Cum auctorisação do Ex.º e Rev.º Sr. Cardinal D. MERICO BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve da sua Santidade LEÃO XIII Afirmando-o e abençoando-o, e que foi louvado pelos Ex.ºs e Rev.ºs Snrs.

Arcebispo de Paris, Arcebispo de Reunes; Bispo de Montpellier, Bispo de Contances, Bispo de Sees; Arcebispo de Graú, Arcebispo de Turim; Bispo de Soissons; Arcebispo de Colocza, Arcebispo de Auch, Arcebispo de Napolis; Bispo de Bodez, Bispo de Bayeux; Arcebispo de Chambery; Bispo de Bannes, Bispo de Marsella, Arcebispo d'Aix.

A obra constará de dois volumes distribuída em fasciculos de 32 paginas de texto com QUATRO OU MAIS GRAVURAS. Preço de cada fasciculo 100 REIS, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagaram de cinco em cinco fasciculos, enviando-se-lhe a essa occasião o competente recibo. Concluída a publicação será elevado o preço.

Distribuir-se-hão tres fasciculos por mez. Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, receberão um exemplar gratis. Acceptam-se correspondentes nas ter ras onde os não ha; a commissão é de 20 p. c., garantindo mais de cinco assignaturas.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor ANTONIO DOURADO, rua das Martyres da Libertada, 113—PORTO, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

Companhia Nacional Editor 50, Largo do Conde Barão 88 Numero telefonico 135—Enberço telegraphico, Editora, Lisboa—Endereço postal, Caixa n.º 6, Lisboa

HISTORIA DA REVOLUÇÃO DE SETEMBRO por José d'Arriaga

Condições da assignatura Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 4 folhas de 8 paginas, formato grande, ou 32 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega.

Provincias.—A assignatura será paga adiantadamente, na razão de 120 reis cada fasciculo, franco de porte (de 8 folhas).

As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

Todos os assignantes ou correspondentes das provincias, que quizerem economisar alguns portos de cartas, poderão enviar quantias mais oras. Estas importancias serão lhas creditadas ficando sempre o saldo, se o houver, á disposição dos assignantes.

Todos aquelles que enviarem quantias maiores de 600 reis receberão da administração, na volta do correio, aviso de recepção, adquirendo por este meio a certeza de que não houve extraviio.

N. B. Não serão satisfeitas as requisições da Provincia ou do Estrangeiro, que não venham devidamente acompanhada da sua importancia.

Pedidos da assignatura podem ser feitos á Companhia Nacional Editora

Successora de «David Corazzi e Justino Guedes» 50, Largo do Conde Barão, 37—Lisboa á Filial no Porto (127, Praça de D. Pedro, 1.º andar), assim como a todas as livrarias e a todos os correspondentes da mesma Companhia.